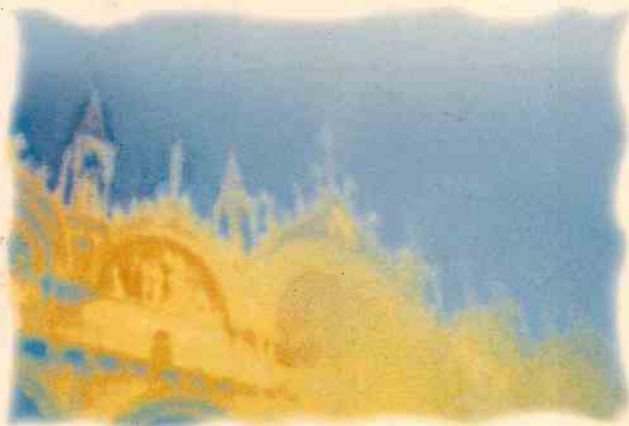


MÁRCIO CATUNDA

ÁGUA LUSTRAL



IMPRIMATUR

A poesia de Márcio Catunda evoluiu dos temas sociais e de protesto, presentes nos seus primeiros livros, notadamente em *Incendiário de Mitos*, de 1980, para a busca do transcendente, dos mistérios do ser e do enigma das coisas sagradas, cuja expressão se verifica marcadamente nos livros *A Quintessência do Enigma*, de 1986, *Purificações*, de 1987, *O Encantador de Estrelas*, 1988 e *Sortilégio Marítimo*, 1990. Em seguida, o resultado de suas reflexões sobre o ser e a eternidade se configurou num livro em prosa, *A Essência da Espiritualidade*, 1994.

No presente livro, Márcio Catunda nos entrega uma coletânea de poemas escritos em êxtase, durante as ocasiões em que visitou algumas cidades de países europeus, nos quais bebeu em tradicional fonte inspiradora. Sua temática polifacética também abrange, como em outros livros, o canto de seu rincão cearense (os verdes mares de Fortaleza), com impressões matizadas por recordações da infância e da adolescência, fases importantes na formação de sua sensibilidade estética. A nostalgia do Brasil, resultante do seu interminável viajar na condição de funcionário diplomático, além dos denominados temas eternos, configurados pela aborda-

gem de mitos gregos (como as suas versões esotéricas de Apolo e de Asclépio), são fundados na ótica do misticismo contemplativo que o caracteriza.

A natureza é onipresente em sua poética. Sobretudo o mar: o Tirreno, o Adriático, o Mediterrâneo e o Mar de Mármara, mas também os jardins — refúgios de encantamento em meio ao tumulto das grandes cidades (Parque Pincio, em Roma, Parque Valentino, em Turim, o jardim do Palácio Real em Paris etc.), além do vale do rio Avre, a ribeira dos rios Tâmisia, Arno, Reno e as perspectivas de cidades como Praga, Viena, Salzburg, Londres, Florença, Verona, Sevilha (à maneira de João Cabral) e Granada (à luz da poesia de García Lorca), e sobretudo Veneza e Madri, cuja civilização plena de aportes culturais tanto fascina o poeta.

Notamos no presente livro, como em toda sua obra escrita até o momento, o mesmo envolvimento espiritual e lírico que nos leva às alturas de onde provém a inspiração. Tenho certeza de que as peregrinações poéticas e as experiências lingüísticas e estilísticas do autor de *Água Lustral* despertarão o maior interesse dos leitores.

ERNESTO FLORES

Dissolvem-se os meus dissabores na doçura límpida,
leveza lânguida.

Recolho imagens na distância.

As ilhas fervilham nos embarcadouros.

Agosto cintila nas verdes redomas.

Calma nos murmúrios imanentes,
marulha o vagar da íntima tarde.

Tenho sons de búzio na voz da memória.

Cessa-me o fulgor das ansiedades.

Instilo-me transparências.

Na íris de netuniano horizonte,
desenho a gôndola dos meus sonhos.

Sereníssima laguna:

devoto-me à liturgia das majerações,
com o encantamento de flutuar entre palácios.

ISBN 85-86820-01-6



9 788586 820014

ÁGUA LUSTRAL

Ao querido amigo,
confrade e contemporâneo
Nilton Maciel, do seu
administrador e leitor
Mário

Sofia, 16-12-98

ÁGUA LUSTRAL

Márcio Catunda

IMPRIMATUR

Copyright © 1998, Márcio Catunda

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610, de 19.02.1998. É proibida a reprodução
total ou parcial, por quaisquer meios,
sem a expressa anuência do autor.

Direitos em língua portuguesa reservados ao autor através da
Livraria Sette Letras Ltda.

Produção editorial
Casa da Palavra

foto da capa
San Marco, Veneza
de Carla Monteiro

Rua Visconde de Carandaí, 6
Rio de Janeiro RJ 22460-020
telefone 021.540 0037
palavra@msm.com.br

CIP — Brasil. Catalogação-na-Fonte

Catunda, Márcio
Água Lustral/ Márcio Catunda — Rio de Janeiro:
Imprimatur/ Sette Letras, 1998

136 p.

ISBN 85-86820-01-6

1. Poesia brasileira. I Título

CDD 869-1B



SUMÁRIO

A lírica catundiana <i>por Ernesto Flores</i>	11
Ricordanza do poeta Márcio Catunda, na Suíça <i>por Artur Eduardo Benevides</i>	17
Refúgio no Parque Pincio	19
Aforismos de Asclépio.....	20
Museu de mim	22
Água lunar	23
Jardim de cristal	24
Porto das jangadas.....	25
Plenilúnio na Praia do Futuro	27
Os dons de Apolo	28
Por los campos de Andalucía	30
Plovdiv	32
Cantando Sevilla à maneira de João Cabral	33
Emoção rediviva.....	35
A um casarão demolido.....	36
Nos domínios de Poseidon	37
Acrópole	39
Retiro en Madrid	40
En la Universidad de la Plaza	41
Prelúdio Vernal	43
Panteonímia	44
Fortuna temporal	45
Navegando no Mar de Mármara	46
No zen do Zênite	48
Os trâmites do abandono	49
Los balsamos de la montaña	51
Claridade ondulante	52
Arenas lapidares	53

El huerto de Luis Cernuda	54
Le bois enchanté	55
Parco del Valentino	56
Alturas de Borovetz.....	58
Ânima lírica	59
De arrimo	60
Num trem às margens do Reno.....	61
Deleitações	62
Arno	63
Harmonias estivais	65
Processione per mare	66
As lições de abandono	68
Pellegrinagio a Torcello	69
Lido	70
Yvoire	71
Panorama de verdure (Gstaad vue d'eggli)	72
Vevey	73
Torre dei Lamberti	74
Indulgências	75
Sereníssima laguna	76
Crepúsculo no lago de Garda	77
Cosmo(a)gonia	78
O discurso de Príapo	79
Primaveril	81
Tesouros de Salzburg	82
Manhã no Arpoador	83
A arquitetura sonora de Viena	84
O Tirreno visto de Gênova	86
Consagração	87
Argumento	88
Num táxi em Londres	89
Paisagem hibernal	90
A caminho de Berna	91

Valée de l'Avre	92
Passeio infantil	93
Praga e o rio Vltava	94
Berlim reconstruída	95
Amsterdã	97
Tempo redivivo	99
O outro tempo	100
Recordação do mar de Fortaleza	101
Terras do dragão	103
Poente em Pireas	104
Místico mercado	105
Na ribeira do Thames	106
Meditação sobre a Torre de Pisa	108
Itinerância	110
Ideal	111
Firenze fiorita in pietra	112
St. Peter's Path	114
Under the moon of London	115
Com Vivaldi em Veneza	116
Campanile	117
Khoan	118
Meditação no monastério de Rila	119
O luar de Veneza	120
Água de flores	122
Vertigem	123
Outono	124
Via dei fori imperiali	125
Teatro romano de Fiesole	126
Madrid imponderable	127
Acaraú	129
Lectura antitética de Gil de Biedma	130
Legenda de Cartago	131

A LÍRICA CATUNDIANA

À guisa de introdução a Água Lustral

ERNESTO FLORES

A poesia de Márcio Catunda evoluiu dos temas sociais e de protesto, presentes nos seus primeiros livros, notadamente em *Incendiário de Mitos*, de 1980, para a busca do transcendente, dos mistérios do ser e do enigma das coisas sagradas, cuja expressão se verifica marcadamente nos livros *A Quintessência do Enigma*, de 1986, *Purificações*, de 1987, *O Encantador de Estrelas*, 1988 e *Sortilégio Marítimo*, 1990. Em seguida, o resultado de suas reflexões sobre o ser e a eternidade se configurou num livro em prosa, *A Essência da Espiritualidade*, 1994.

No presente livro, Márcio Catunda nos entrega uma coletânea de poemas escritos em êxtase, durante as ocasiões em que visitou algumas cidades de países europeus, nos quais bebeu em tradicional fonte inspiradora. Sua temática polifacética também abrange, como em outros livros, o canto de seu rincão cearense (os verdes mares de Fortaleza), com impressões matizadas por recordações da infância e da adolescência, fases importantes na formação de sua sensibilidade estética. A nostalgia do Brasil, resultante do seu interminável viajar na condição de funcionário diplomático, além dos denominados temas eternos, configurados pela abordagem de mitos gregos (como as suas versões esotéricas de Apolo e de Asclépio), são fundados na ótica do misticismo contemplativo que o caracteriza.

Herdeiro do bucolismo e do panteísmo tradicionais que remontam a Empédocles, Virgílio e Horácio, cantando em uníssono com os pássaros e as fontes, o poeta nos revela a unidade da natureza em sua multiplicidade interdependente. Desse modo, situa-se entre a poesia e o céu, captando as belezas do universo. A meta deste lírico panteísta é irmanar-se aos astros e ao vento. Decanta-lhes as dádivas e as bênçãos. Enaltece a magnitude abstrata do cosmos, mas também conjuga o humano verbo, fazendo da poesia um veículo de fraternidade, através de dedicatórias a poetas amigos e outros admiradores do seu estro votivo.

Em vôos suaves e profundos, como um pássaro que sobrevoa as planícies do mundo em que vive, Márcio Catunda vai buscar, com a sensibilidade que possui, as mais belas mensagens. Lê-lo é aprender o quanto vale cultivar esse lirismo que, a cada leitura, coloca o leitor sempre diante de um novo espetáculo, levando-o a percorrer caminhos jamais sonhados ou imaginados.

No livro *Purificações*, 1987, encontramos a teoria da fraternidade que o poeta formula em versos: "...amigo é itinerário de liberdade e alívio no instante de martírio". Em *A Quintessência do Enigma*, escreve, como em estado de graça, suas viagens líricas, partilhando com o leitor nuances de cores e imagens diante de fatos vividos: "alço vôo/ Meu Deus, e essa aflição estranha!/ Essa avalanche, esse silêncio cheio de música! É a vida transbordando amor em mim,/ sou eu — pedra por pedra — erigindo o pilar do futuro". Temos ainda, em *O Encantador de Estrelas*, 1989, um belíssimo conceito de poe-

sia, onde exprime a sua poética: “A poesia, eletricidade das estrelas/ na ossatura lexical/ rompe o silêncio no exílio das entranhas do arquétipo / e atravessa a estação sideral./ Poesia: retorno ao cristal das metamorfoses,/ seqüência do calendário infinito”. Do livro *Sermões ao Vento*, de 1990, destaco entre outros poemas a “Arquitetura lírica de Fortaleza”, onde o autor celebra o seu rincão cearense. Em *Sortilégio Marítimo*, considero típicos da ascese oriental de Márcio Catunda estes versos de Andarilho: “Errante andei como os apátridas,/ Lin Tsi conduziu-me ao monastério de serenidade, / refúgio de solidão”. Sempre celebrando a vida de forma generosa, escreveu em *Los Pilares del esplendor*, 1992, fruto de suas experiências em Lima, Peru, onde residiu cerca de quatro anos: “Que breve instante/ el de ser feliz/ un frasco de musica/ un flirt de beleza/ y pasó...” (“Transitoriedad”). Já em 1997, vemos Márcio Catunda exercitar o verbo poético em *Ave Natura*, constituindo em vários idiomas o seu testemunho de poesia ecológica. Deste livro agrada-me sobretudo o poema “Descubrimiento”, do qual seguintes versos ilustrativos de sua tese panteísta: “Descubrir en la indivisibilidad de la naturaleza/ la totalidad de las cosas/ y situarse ante el universo”.

É o próprio poeta quem adverte que a poesia é divina e cada poeta é grande segundo a sua dicção. Com essa abertura de concepção teleológica e teológica, viaja nas dimensões imarcescíveis do ser e, nesse sentido, seu poetar se identifica com os versos da canção espanhola, cujo idioma exerce em poesia: “quisiera tener alas para volar”. Assim, através do êxtase com que deixa as

palavras desfilarem no papel, faz da poesia um lema de vida, purificado pelo coração. Também no idioma francês realiza experiências literárias, tendo escrito poemas nos quais descreve os tesouros panorâmicos do lago Lemano e seus arredores, na região que corresponde à fronteira entre a França e a Suíça. Desse modo, decifra a policromática esfinge da cultura européia, vivenciando um idílio ecológico com as mais esplêndidas paisagens do continente. Mas em suas itinerâncias, algo exacerba-lhe a sensibilidade: o estar dividido pela necessidade de partir de sua pátria “sob o signo da esperança” e o ideal de “viver sempre livre nos quintais do Brasil”.

A natureza é onipresente em sua poética. Sobretudo o mar: o Tirreno, o Adriático, o Mediterrâneo e o Mar de Mármara, mas também os jardins — refúgios de encantamento em meio ao tumulto das grandes cidades (Parque Pincio, em Roma, Parque Valentino, em Turim, o jardim do Palácio Real em Paris etc.), além do vale do rio Avre, a ribeira dos rios Tâmis, Arno, Reno e as perspectivas de cidades como Praga, Viena, Salzburg, Londres, Florença, Verona, Sevilha (à maneira de João Cabral) e Granada (à luz da poesia de Garcia Lorca), e sobretudo Veneza e Madri, cuja civilização plena de aportes culturais tanto fascina o poeta. Dentre os poemas escritos em viagens a grandes cidades européias, ao longo de três anos de permanência no velho continente, destacam-se as interpretações humanistas do atual estágio de desenvolvimento social de Berlim e Amsterdam. Dentre outros temas, vale mencionar a visão da paisagem sertaneja, metamorfoseada de nuances

metafísicas, em “Terras do Dragão”, ou imersa em nostalgia, “Acarauú”. Também dignos de nota são os questionamentos existenciais configurados em “Os trâmites do abandono”.

Nas experiências de criatividade, saliente-se o exercício lúdico realizado nos poemas “Primaveril”, “Harmônias estivais”, “De arrimo”, “Ânima lírica”, “Arenas lapidares”, “No zen do Zênite”, “Vertigem”, “Panteonímia”, de originalidade estilística, em que se nota o criterioso uso da aliteração, da paronomásia, e da homonímia, figuras que tornam mais elegante e musical sua poesia. Notamos no presente livro, como em toda sua obra escrita até o momento, o mesmo envolvimento espiritual e lírico que nos leva às alturas de onde provém a inspiração. Tenho certeza de que as peregrinações poéticas e as experiências lingüísticas e estilísticas do autor de *Água Lustral* despertarão o maior interesse dos leitores.

RICORDANZA DO POETA
MÁRCIO CATUNDA, NA SUÍÇA

Tão longe, mas sempre perto, em mim,
a tocar dos jograis o bandolim,
o poeta caminha sobre as águas da canção,
em pura e tranqüila deambulação
pelas tardes do tempo e do sem-fim.
Nasceu dos cardos e mandacarus,
das acauãs, arapongas e nambus,
tendo no olhar uma chama universal.
Em terra estando, o espírito é naval.
Ao pelejar, o coração dá-se ao mar.
Por isso, se chega, parte.
Só fica longamente em sua arte,
dançando a valsa outonal da poesia,
da boca da noite ao dealbar do dia.
Ama as fontes, as nuvens, os rios, as gazelas
e outras cousas tão simples e tão belas.
É um poeta.
Segue em linha reta
para encontrar o círculo das lendas,
onde fará oferendas
a Orfeu e Dionisos.
e deles ganhará sete selos e avisos
para que, de alma indormida,
continue a escrever a fábula da vida.

Artur Eduardo Benevides

REFÚGIO NO PARQUE PINCIO

Fugi dos tabernáculos de tristes muros,
da sórdida condição das tempestades emotivas.
Da Trindade dos Montes
e das praças com cavernas de água lustral.
Mananciais sobre mármore de subterrânea glória.
Ácido do tempo oxidando o cálcio da vida.
Gêmeas do meu ser, as antiguidades me confessam
[desventuras.

Longe do afolivo da turbamulta,
amenizei no bosque o tremor da inquietude.
Mais do que no silêncio das velhas igrejas,
repousei fúrias e medos no canoro fervor das folhagens.
Alimentei de cores o coração indefeso,
pondo-me ao abrigo das redomas consagradas.
O signo de Eros é um labirinto em chamas.
A alma redimiou-se nas sombras do estival torpor,
mas num compartimento absconso
ficou a ressonância de alguma torre abandonada.

Roma, 22 de junho de 1997

AFORISMOS DE ASCLÉPIO

Com o elixir das ervas do centauro,
afugenta os miasmas.
Se repousares nas grotas de onde flora o ânimo,
viverás a idade da luz em teu sentir.
Planta signos claros no íntimo firmamento.
Colhe grãos de ouro na gleba do existir.
Conjura os afortunados
que irradiam paz
a quem respira em suas imediações.
Tal Hipólito, livre do Hades,
contempla as flores das origens
e refugia-te no sanatório dos pensamentos.
Na força com que o enfermo revive,
bebe das águas cósmicas:
os astros brilharão em teus sonhos.
(células planetárias no orbital hemático)
Como o fruto absorve as cores do Sol,
fabrica o mel do futuro nos favos do dia.
Inebria-te de sóbrias harmonias.
Assiste o espetáculo das alegrias.
Desfruta das benesses do ar,
descerra as ribaltas do drama:
com júbilo flui a consciência nas correntes mágicas
e a substância da saúde cantará nos cântaros.
Com um bastão de prodígios
rege a orquestra da fortuna
(graça de festival em Epidauro).

Suspira com os pássaros em abluções de vida.
Teus remédios serão os aromas silvestres.
E os bálsamos se destilarão nas tuas manhãs.

MUSEU DE MIM

O dia em que li Mário de Andrade numa rede em Niterói.
As manhãs em que fui a praia na infância.
As tardes de futebol e as noites de viajar pelo sertão.
Quisera reviver tais momentos nas horas de agora,
horas de luta que em estas quimeras resvalam entre os
[meus dedos.

Tento recuperar o insólito desses momentos,
em peregrinações, nas buscas de alumbramento
em que me alentam visões do céu mais claro e da erva
[mais florida.

Como agora retrocedo no mar dos sonhos,
restam lembranças como pedras destroçadas,
sepultadas na necrópole do tempo.
Velhas cisternas de alegria,
pórticos de ilusão abandonados,
consumidos no embate dos aluviões.
Outrora ânforas de emoção ao descobrir a vida,
hoje sarcófagos de nada quando as relembro.
Rotas tumbas no capinzal da memória.

ÁGUA LUNAR

O lampadário de âmbar:
arcano de êxtase, ancestral enlevo.
Candelabro, lustre lacustre.
Em câmaras de sombras, labareda.
Alpondra de alpendres coruscantes,
 abrolho de remansos,
 arauto em transe.
 Imantado encanto.
Lastro glacial, heráldico,
fortuna de quebrantos,
limpidez de acalanto.
Magnânimo manto flamejante,
aquático hierofante-diamante.

JARDIM DE CRISTAL

Solfejos de pássaros
na orquestra do poente.
Não adágios de medo, mas litânicos arpejos,
quintessências de plenitude,
limpidez de segredos outonais.
E entre as grotas de madreperolas,
os círculos dos girassóis e os responsos lunares.
Translúcida relva, pureza de matizes clorofilados.
Buscarei o céu lavado de suavidade,
nectáreos rosais
no herbário de delícias,
serenatas de miragem,
quimeras de celestialidade.

PORTO DAS JANGADAS

Eis-me a sentir o aroma dos quintais
que degusto com os pássaros.
Recordações de clarividência.
Apaixono-me pelas branduras,
quimera que o mar volatiza.
Sou ainda aquele que cultua as madrugadas,
carícias da brisa nos veleiros.
Flóreos mananciais do meu imaginário:
ravinas em turbilhões, teia translúcida, cortejo anil.
São meus tesouros as acrobacias das ondas,
meu império luminar.
Careço dos rebanhos que reverenciam as tardes,
pois não vi as alvoradas de cinza,
nem as palmeiras na relva das vazantes.
Fico adorando atlânticas liturgias,
lisuras do planalto aéreo em festa.
Navegarei no segredo e decifrarei as espumas.
Meu refúgio na exuberância, meu silêncio.
Caminhos frugais que a bruma drapeja,
meandros que se recamam, serenas escarpas...
Em criança, de verde-marinho e róseo idealizei minha
[casa,
matizes do teu ocaso, horto meu.

Hoje durmo sobre as aragens,
entre o meu cismar cigano e os verões
e bebo luz nos portais
e sempre o mar cantando augúrios,
inventando a ligeireza que há tempo não via.
De róseo-sutileza, quando os navios se iluminam,
minha emoção passeia com as ondinas.
De verde-marinho, camadas de nuvens no leque das
[marés.
Escuto antigos segredos, amanheço entre corolas
e vou colhendo florilégios, rosais em íris opala,
o plano vovejante, vilegiaturas do meu sonhar.
Marulham tropéis nos ermos de mim.
Dilatam-se as magnitudes nos horizontes de mim.

Fortaleza, 13 de dezembro de 1996

PLENILÚNIO NA PRAIA DO FUTURO

A pérola iridescente escorre prata,
líquida flâmula cristaliza a alvorada.
Caudais a jusante da nebulosa.
Desde várzeas e cavernas, fúlgida seara.
Destilam-se saudades como bálsamos:
cânticos como luzernas de lodo etéreo.
Aves pousadas em promontório, com caravelas vogando.
À sombra do pélagos asperge um braseiro:
aurora neblinando em torres de vazio.
O arcano, carícias de sortilégios.
Aurora diamantina neblinando fragrâncias.
Transita o lume, deliram relâmpagos.
O anjo viaja venturas sobre as fascinações.
Um rio flui nas correntes astrais.

OS DONS DE APOLO

A Delfos legou altares arcaicos.
Às pitonisas, o tesouro dos sortilégios.
Aos ciclones, aljavas no crânio.
Ao dragão de cem gargantas
forçoso foi conceder o extermínio.

Sagrou-se, por desígnio imortal.
Dioniso o reverenciou com libações.
E Olímpia celebrou-lhe os feitos
no santuário onde as águias se encontram.

Aos poetas deu a magnitude do verbo.
Às parnasianas musas, sêmem nectáreo.
Aos hiperbóreos — as iguarias.
Ao corvo, a escura plumagem.
Dos haveres por Zeus outorgados,
ostentou a mitra de ouro
e navegou com os cisnes da madrugada.
Inscreveu música nas paredes neolíticas.
Ao horto das brisas entregou o jacinto
e decifrou a esfinge da profecia.

Multipliou as colheitas das primaveras,
desvendou o milagre dos mananciais.
Com a lira de prata deleita os mortais do Orco.
Pelos augúrios dos pássaros sabe os mistérios.

Apascentou as ovelhas da Tessália.
Sentiu no loureiro o palpitar de um coração.
E no festim dos justos deixou votivo ditame:
“conhece-te e não te excede,
vive o sonho imperscrutável
e as dissonâncias se farão harmonia”

POR LOS CAMPOS DE ANDALUCÍA

A Marly Vasconcelos

Corazón de almendra amarga,
cielo estanque, cristal sin nubes rasgadas.
Granada gitana, lienzos de relva y sol.
Cisterna azul, flor desnuda, ramas de brisa dormida,
brisa alegre por el trigo.
Catedrales de ceniza suspirando por el mar.
Fuegos calcáreos relumbran por el naranjal.
Guadalquivir de las estrellas.
Brizna de alondra, piel de niña.
Un diluvio de azucenas
canta con Frederico y sus novias.
En manzanas de sollozos escribo letras de nieve.
Dalias de cuellos blandos, risas de jazmín caliente,
magnolias de hondas negruras.
Amores floridos de dulces clavos.
Oasis, dunas, vegas de aurora y frescor.
El ganado oscuro pacía en charcos de invierno.
Llueven musgos de seda,
otoños de caracoles,
nardos febriles nadando en sábanas de salinas.
En la sombra de los cipreses,
con las musas de Frederico
palomas de perla y brumas,
flor de huerto en las mejillas,
odalisca de arena y sal, gusto de agua y retama...

Aliento enajenado de fragantes melodias,
granada de los rocíos, aguas claras,
arrabales de arrayán, ruiseñores de Andalucía.
Me ensueño por las orillas del Darro,
alhambra al sol andaluz,
mis guaridas de silencio: torres de sombra y jazmín.

PLOVDIV

Na miragem dos nevados um rio de várzeas esconde
[antigas glórias.
Alada vegetação que o inverno envelheceu.
Fantasmas rochosos que o tempo sepultou.
O vale se perde nos confins.
Dir-se-ia que as almas dos deuses vagam no céu.
Até os imortais lamentam a melancolia das nuvens.
E como assombrosos vultos rastejam na vastidão da
[campina.
No meu enlevo a paisagem suscita perspectivas de mar.
Meu imaginário veleja e se expande aos quatro ventos.
À procura de êxtase,
peregrino dos vórtices do espírito até aos vértices da
[terra.
Dos domínios da temporalidade às fronteiras do Eterno.

CANTANDO SEVILLA
À MANEIRA DE JOÃO CABRAL

Do prazer de andar *Sevilla*,
ruas primordias,
e glorietas, praças portáteis.
Ler livro só metáforas
sempre inusitadas.
Súbito, igrejas se levantarem
dos ombros das mesquitas.
Andar envolto em atmosfera de luz interna.
Habitar em si o sabor cítrico do Pumarejo
— clareza gustativa.
Fonte de ser, viveiro de caliças,
O Arenal, diamante extremo, festa nas ruas.
Cogitar sobre o contraste entre as linhas da calle Sierpes
e as proporções da Giralda.
De Santa Cruz, solo em caracóis,
de curvas, como Veneza, sinuosa,
mas sem a expansão das fugas que deságuam nos portos:
esbarrarando em pátios.
Jardins internos de pardos portais.
Às margens do Guadalquivir,
o prazer de flunar pelas alvenarias de cal,
sorver balsâmicas doçuras (cor de dia),
sentir nos ares de claridade,
a intensidade de lâmina,
luz aguda, ácido que limpa os azulejos
e as janelas de Triana, erva nos beirais.

De ver-lhe a graça andaluza,
a epiderme feminina.
De viver o estado de ser,
que de andar por suas ruas,
súbito apaixona o contemplador:
o aroma fêmeo, recôndito,
de cigana que reacende o vento
nos nervos de sal que a densificam.

EMOÇÃO REDIVIVA

Visitando o passado,
fluindo por antigos caminhos,
fez-se o instante um lampejo, reminiscência de solidões.
Nos desvãos de um tempo mágico
lúcido como outrora, céu de flores exóticas,
estrelas e mulhøres.
Súbito, uma novidade:
nasceu ali uma muralha de prédios.
Mas na esquina encantada,
com o mesmo regozijo,
ainda abro os braços, esferas rútilas,
pérolas de minha emoção,
vencendo a dor dos momentos tristes!
Como é bom cantar nos jardins da pátria!
Caminhar com fascinantes musas
que o sol torna lindas e morenas!
É grande o poeta que canta sua província
e o meu universo é o indizível júbilo
de louvar a terra em que nasci.

A UM CASARÃO DEMOLIDO

Restou um muro, entre o nada e a insânia dos carros.
Onde o vulto altaneiro, teu arquétipo?
Castelo de sonho, mansão extirpada de um vergel.
Contigo implodiu o logradouro onde as ilusões.
Esmagou-te bárbara turbamulta,
Hiroxima de bestial tropel.
Relíquia pisoteada,
as alegrias inventavam manhãs...
Pena ver-te dejetado,
receptáculo do córrego de imundícies,
campo de lixo da outrora nobreza:
Rua Francisco Sá, venturoso rincão,
Jacarecanga, até quando as vilas e casarões seculares?
Quem conhece o sentido da infância?
Quem te esbagaçou neste abandono,
monturo de escombros te sonhou jamais,
se antes, vitrais e jardins?
Rasgaram os teares da fantasia,
mas um poeta ainda tece
num manto de memória
o que dos arejados alpendres se vê: o mar.
E se condói do abandono teu
o habitante de para além-terras de ninguém.

NOS DOMÍNIOS DE POSEIDON

À divindade azul que invade os continentes
e pinta as manhãs com guirlandas de espumas.
Ao filho do Tempo, irmão dos horizontes
e de Zéfiro, que faz voar os tetos límines,
venho oferecer, como flores ao pedestal dos rochedos,
versos como pilares de promontórios.
Espero as dádivas do seu reino,
pois como Byron e Egeu,
olhos na imensidade,
também soluçei pelo herói distante.
E canto os dons de sua fortuna
desde as navegações imemoriais.
Ao rei das nascentes e ao luzente Apolo,
que aquece o coração do santuário,
peço a paz dos brandos ventos,
a mansuetude de uma viagem lúdica,
sem glaciações e com dóceis aragens.
Possa eu singrar os golfos da contemplação
e ancorar nos serenos dias.
E ante a visão de nereidas de claridade
nos perfumes das águas estivais,
aportar nas ilhas brancas,
sem a insurreição das coisas fluentes.

Sob o radioso céu dos arquipélagos,
quando a cruz de minhas ânsias repousar no altar dos
[séculos,
erga-se no mármore um arco à legenda dos
[meus alumbramentos.

Sounion, 1º de janeiro de 1997

ACRÓPOLE

Que majestoso sonhar com o mar imagino além do azul!
Montes de recortados verdes nas fronteiras do fascínio.
E aqui, na faixa tênue das coisas invisíveis,
os edifícios brancos de degraus carcomidos: mágicos
[resquícios.

Recolho destroços que o tempo amontoa.
Teatro milenar com pórticos de Zeus,
bosques de acanto, onde ninfas encantadas.
Tudo metamorfose.
Um tropel de séculos despedaçou as relíquias do rei
[Cecrops.

Mas o espírito de Atena ronda os retângulos emulodurados
[de colinas,
as avenas do vento nas clâmides das Cariátides impávidas,
sustentando a decrepitude da esplanada.
Do heráldico pátio que a corrosão esfacela,
o jardim das musas.

No cimo de um outeiro a visão se alumbra.
Sororos matizes transparecem gradações,
serena flutuação.
Sob os pilares celebro: a brisa tem o incenso dos antigos
[rituais

e com carícias de suaves tons amanhece o pavilhão.
Os frescores da planície.
Recomponho, nostalgicamente, sob as escarpas,
o templo de Teseu imerso nas ágoras do passado.

RETIRO EN MADRID

Por anchas avenidas bañadas de sol,
alamedas de mi hogar antiguo,
 me siento entre hermanos
 y camino en novedad de vida.
Entre albricias y árboles otoñales,
balcones de ramas y gorjeos,
me sueño en palacios de cristal
y pardas viviendas de idilio.
Bajo torrentes de inmenso azul
 aves de exilio,
el cantar de un corazón conmovido!
Peregrino por alegres calles.
Por la Gran Vía de acceso a la amistad,
me voy en panorama de llanuras.
A la casa de mis recuerdos
por santuarios de arenas
como el que vuelve de la tormenta
y entra por la puerta milenaria.
Vengo a beber neblina en tus pétalos,
Madrid, jardín romántico,
puerta abierta al hijo pródigo,
rocío y arenal de mi destino.

5 de maio de 1995

EN LA UNIVERSIDAD DE LA PLAZA

En la universidad de la plaza
tengo diploma de latinidad.
Entre comercio y restaurantes,
24 horas al día estudio los claveles de la noche,
bodegones de acuarela y claras puertas solares.
En la Plaza Mayor, escuela de universalidad,
soy alumno del Santo Labrador:
aprendo zarzuelas y presbiterios
y las devotas de Fray Luis,
ibéricas moras, guapas palomas,
me enseñan ritmos gitanos.
Universitaria Plaza,
ancho corredor de fiesta en los sentidos,
retablo de maravillas con manjares y duendes.
Patio que es un campo,
umbral sin pilastra o cuadrante,
llanura bordada de ángeles andaluces,
pasarela abierta a todos los templos
y a todos los embrujos.
Ubicación cardenal,
más allá de Puerta Cerrada,
con ventanales, torres de Alcegiras,
bóvedas de alcázar
con rocallas en capillas ornamentales,
entablamentos con crucerías,
bajo alquimias de todas las etnias.

La Universidad de la Plaza
me enseña a sonreír a los semblantes
y a escuchar al rey de los campanarios.

9 de setembro de 1996

PRELÚDIO VERNAL

Só hoje vi que as flores são flâmulas nos páramos.
O inverno me obscurecia este amavio.
Mesmo alguns aromas que agora reconheço
não existiam antes no sono da consciência.
Mesmo as vozes de criança que agora me enchem de
[fulgores
eram imperceptíveis antes deste arrebatamento:
os trinos de diversos pássaros em festa
e o gosto cálido de atmosfera renovada,
tudo quanto se configura em novas perspectivas,
alvíssaras de aprazível tarde,
tudo tem agora um sabor de ansiedade,
como a vida que tenho, plena de translúcidas cores.
Limpidez de alvorada na noite de tristeza,
desvendou-se a névoa da tranqüilidade.
E a lucidez agora é inquietude.
E só hoje vejo os lumes sem devaneios.
Que só hoje aprendo o sentido da solidão.
Só hoje entendo a lição das contingências.

PANTEONÍMIA

Orestes ora nas fenestras,
Herodes degenera as megeras.
Egeu rege as hégyras.
Pólux colora os pólipos.
Protágyoras protagoniza os protótipos.
Morfeu dá forma às hóstias.
Eros prognostica em horóscopos.
Os dióscuros escurecem os colossos.
Orfeu oferece foro às odes.
Galopam ciclopes.
Horus ignora o corolário.
As Górgonas elaboram mandrágyoras.
Pan gira o panegírico.
Poseidon domina os indômitos.
Pandora adora a pândega.
Príapo hipnotiza as harpias.
Menelau lamenta a melena de Helena.

FORTUNA TEMPORAL

Alento de arrebóis com diamantes,
miríades, arcanos, promontórios de garoa.
São desprezíveis das coisas do mundo.
Não quero temerosos solilóquios.
são irrelevantes as órbitas mórbidas.
Pergunto quem sou ante a imensidão.
Que distância do espírito à fosforescência mineral?
A roda da fortuna gira com os ventos estrangeiros.
Ando no vazio, castelos esvoaçam,
enquanto perpassam as legiões de Caim.
Já não quero o degredo nas esquinas do tumulto.
Aurora, em que te firmas?
A obsoleta megera,
tempo esquecido de afetos
e outros tempos
em que viajou-me o espírito
e escutei as vozes da casa antiga.
Mas despertei de súbito, taciturno,
o coração acelerado.

NAVEGANDO NO MAR DE MÁRMARA

Regozijo-me com o vento dos ergástulos:
ardem magnificências crivadas no mármore.
Flora de fosfórea clorofila:
sibilas lívidas sobre fluido berilo.
Um nevoeiro enluarou a pradaria.
Abrem-se flores à volúpia da imaginação.
Leveza de refrigerios, hostes de silfos,
minarettes imersos nas nuances do porto,
montanhas de nuvens horizontais.
Respiro álgidos alentos, haustos de gélida exalação.
Hidras giram nos vértices, reverberando azuis.
E as frotas se lançam, mastros perdidos,
o manto de tule, diáfanos traços nacarados.
Mas a gaza de mistério não recobre os portais:
fulgem sonâmbulos navios, esmando nas minas de
[oxigênio.

O mar parece de vidro, cortado de alfanje.
Topázios zodiacais, tórridas turquesas,
relicários perfilados em escadarias.
Navego-me ao largo de burilados rochedos,
onde as dores do mundo se consomem.
Mar de Mármara, mar dos argonautas.
Além das mesquitas, entre resquícios Constantinopla,
além dos minarettes sobre corroídas igrejas.
Bebo júbilo na fluidificação:
cristais acendem báratros, pilares de alvoradas,
círios perenais nos meandros: amuletos de jade.

Com flóreas copas, o rochedo de pele de múmia.
Aspiro ciprestes em gotas de luz,
devaneio entre veleiros, lavando a flâmula do horizonte.
Os rastros do mar cristalizaram dádivas ao animal mortal,
Perdi-me na alma pensativa das águas,
encontrei-me nos filamentos do teclado alquímico.
Componho minha lira dos quarent'anos:
polígonos de ônix, zombórios de sonho.
Ponho ícones nas muralhas do mar.

Istambul, 2 de setembro de 1997

NO ZEN DO ZÊNITE

Zéfiro fere as esferas.
No som dos horizontes, ondas dissonantes.
No sonho dos eclipses, pórticos de enigma.
Festas vernais nas veredas dos aedos.
Céu de vestígios no índigo evasivo.
Na hora devoluta, auroras de arrebol.
Nos espetáculos álgidos, álacres herbários.
Réstias de vitrais com véus periféricos,
meu cetro de sal e castiçal: asas, harpas de cristal.
Nos pináculos arcaicos, esfinges órficas.
Nos desvãos das falanges, seráficos arquétipos.
Capto no ar salmos e idílios,
andarilho das quilhas, diviso ilhas mil.
Nos mistérios dos archotes, searas ignotas.
Na esfinge do apogeu, ocasos mágicos.
Divas vestais de relva nas vertentes.
Vênus nos vergéis vesperais.
Gorjeios joviais nos vales.
Regozijo de alísios nos jardins.
Licores hídricos nos páramos.
Refrigérios nos ladrilhos intangíveis.

OS TRÂMITES DO ABANDONO

Na primeira manhã do coração, esquecer as coisas sem
[remédio.

Noite em que se reaprende a dor.

Onde o tédio se abisma ressoa inexorável clarim.

Repousar na legenda dos arquétipos.

Nas asas do pégaso de terpeno, poente de brandas
[correntes.

Os bens ausentes imergiram nas mãos do empíreo.

Pélago de glacialidade.

Por que tardam os bálsamos?

Há cheiro de alga no vento da enxurrada.

Restos de silêncio, ilhas sem o terror dos alarmes.

Aos abutres o fantasma das sensações...

Voar nas tenebras, sem o estrondo dos mísseis,
sem lobos de remorso — ato de terrível memória.

A voragem passa com os Efebos, para obter perdão...

Acesa a lâmpada do abandono.

Na hora atormentada os gênios resvalam,
adormecemos na fuga dos pomares.

A noite se recolhe: incorpóreas visões.

Que signo se encerra no pressuposto do ato livre?

A face dos reveses, desvanecimento de folhas,
a cristalização das contingências.

Elaboro desígnios em túneis de memória.
Poeta celerado e célere, alienado dos hormônios,
carpindo latifúndios de ar,
atravesso a procela, colecionando amuletos.
Durmo a inocência recompensada,
um barco de venturas imagino,
um banho de luz sem trágico estrépito:
perfumes prodigando madrugadas,
chuva mágica sobre as aflições,
o pensamento entranhado na eternidade.

LOS BALSAMOS DE LA MONTAÑA

He aquí la fuente que hace brotar la vida
y pone en cada cosa un átomo germinante.
Cada pétalo refleja los colores del cielo.
Ahí está el valle soleado
donde niebla, nieve y arena
se mezclan en la alquimia crepuscular.
Mi corazón quiere traducir el código celestial,
pero la visión y el pensamiento flotan...
el soplo de la tarde en los gorgoros!
Nos sentamos en la piedra de terciopelo:
todo es perfecto en la pradera de las esencias.
De una montaña a la otra hay un arco de nubes.

29 de junho de 1997

CLARIDADE ONDULANTE

Contemplo a quintessência flamejante,
fogo esmaltado sobre os pavimentos.
Lilás em tudo, com róseo,
eis a dormição inquieta, viagem da diluição.
O destino: espuma dos cimos inacessíveis.
Os cisnes o presumem: órbitas inumeráveis.
Mente nutrida de brumoso murmúrio,
entro na tarde hidrogenada.
Há cristais nas correntes telúricas,
transparências germinam ressonâncias,
um altar floresce o enigma.
Glaciais provisões lemânicas.
Fulgores na vilegiatura das cores.
Gnomos de êxtase agitando os canteiros.
Perfumes de musgo em líquidos espelhos.
Alumbram-se cromáticas ondulações.
Transfiguram-se os idílios aéreos.

Evian, 2 de maio de 1997

ARENAS LAPIDARES

À sombra de nectáreos humores
inclino-me às metamorfoses.
Exorto as hordas à concórdia:
exercito-me nos dísticos:
quero um trânsito de êxtase.
Transito no transe.
Peregrino périplos ecléticos.
E tanjo o banjo dos arcanjos.
No afã do êxodo,
as deidades dos vales.
Nos arpejos dos realejos,
evolam-se os álamos.
Voejam avelãs,
vão as aves vererandas,
afáveis velas.
Aromas na tarde lavanda.
Naves levando sândalos.
O ocaso azula o acaso:
matizes visionários de íris lápis-lázuli.
Falo da alma de Almofala.
Amo a fama de Alfama.
Com ídolos bramânicos, demando Aldebarã.
Com lâminas de Pã, lampejam relâmpagos.
Lâmpadas no panorama.
Enlevos e desvelos nas andanças.
E vão-se as ânsias virando esperanças.

EL HUERTO DE LUIS CERNUDA

Conocí un castillo ancestral que guarda sueños.
La bóveda con cristales de bruma,
atalayas de alondras,
translúcidos ramajes donde el mirlo se estremece.
Un jardín con embeleso de celestes alas.
Iris mojado, lluvia dormida,
recuerdo de colores...
Celaje encendiendo las hojas.
Mi castillo guarda sortilegios de puro conocer.
Instante de pétalos en la memoria.
Rosa eterna en los mares:
perla vegetal con arco de espuma.
Praderas y vegas avivando las alegrías.
Adentremos la risa del viento
y la cosecha será de oloroso frescor.
Chispas de amor, más que las efímeras glorias,
racimos de esperanza, más que olvido de amargos días.
Un haz de luz donde amanece la savia
En hermosuras remotas veremos la luz nueva,
iremos por el prado a las aguas.
Entre el encanto de estar vivo y el tormento de amar,
el tiempo de la siembra.
Translucen cosas arcanas:
certidumbres, sombras azules, cimas nevadas.

LE BOIS ENCHANTÉ

Jouissons de ces rapides transports
avant que le brouillard ne s'ébranle.
Tâchons de découvrir la vendange qui nous donne l'essor.
Mon regard s'attache aux vitraux qui remplissent le vide.
La céleste flamme remonte aux cieux.
Dans les peupliers s'évanouit la torche de saphir.
Le temps nous ravit dans le torrent.
Notre temple entouré de halliers,
la plénitude dort dans les brumes,
les heures coulent.
Au bord du rivage les balsamines et le souvenir.
Le bonheur s'inonde d'éclairs
avant que l'ombre rêve entre le ciel et nous.
Le cœur solitaire s'égare sous l'extase qui rayonne.
Il faut saisir l'heure pâle des feuilles flétries.
Il n'y a que ce parfum fantôme de clarté.
La joie ramasse la voix des oiseaux,
avant que l'ennui aille terni le ruisseau
et l'espoir sombre, déchiré par l'oubli.
Le souffle qui soutient la verdure de nos rêveries,
la vapeur les engloutit comme le mirage de l'eau
[souriante.

Paris, 6 de julho de 1997

PARCO DEL VALENTINO

A Lodovico Marchisio

Adegiato sulle sponde del Po,
entre arcos palatinos e cúpulas hemisféricas,
stanza delle magnificenze,
Giardino roccioso affaciato sul fiume che ne lambisce il
[litorale.

Meu castelo habitado de andorinhas,
sacra sentinela che i fogliame orna.
Outros burgos acendem nos bosques:
candelabros erguidos.
Bordi verdeggianti risalgono lo specchio scivolante.
L'azzurro si attarda sopra i colli ombrosi.
Passeio ao largo da correnteza.
Fioritura subalpina de aromas coloridos.
Páramos em êxtase de viajar in acqua erbosa.
O merlo se deleita de perfumes florais.
Molho as pálpebras na cascata imaginária,
hipnotizado com as pétalas silvestres.
A tarde dorme à inquietude das ondulações,
ramos bebem claridade sob os auspícios fluviais.
Costeggio a passarela do destino,
meu imaginário no abandono das coisas ilimitadas.
O crepúsculo me abateu.

Sombras escorrem hortos transparentes,
miragens suplicantes.
Exilo-me na exultação do vento.
Recendem bálsamos as florações que trago em mim.

Torino, 12 de julho de 1997

ALTURAS DE BOROVIETZ

Delicadeza nos filamentos de veludo,
musgo vivo nos ramos ascendentes,
as finas mãos vegetais oferecem vida aos mortais do
[mundo.

Contritas como eu e unidas de alta verticalidade,
sorvem a luz do céu escampo
para distribuí-la aos seres viventes.
Do seu benevolente trabalho,
só os sábios têm consciência.
Todos os homens se deleitam no ar mais rarefeito,
mas nem todos comungam na paz da vegetabilidade irmã.
Só os que têm sede de luz podem penetrar no coração
[universal.

Como a folhagem que se congrega sobre a brancura
[do vale,
e como o lago que azul se reclina,
entregue aos matizes de todo espectro,
também o espírito pode se expandir na floração do bem.
E fulgurar no espaço infinito,
na circularidade absoluta
e na glacial pureza etérea.

ÂNIMA LÍRICA

Me dá vagar viajar.
Alva lava a adaga lunar,
asa suave rasa a vazante.
Inalava lavanda, nave velejando azul.
Rosada e malva alvorada.
Reza alada, saga sagrada.
Ressoava o sono da sonata,
alma salva, solfejava a nota.
Anotava a ata: só nata.
Nada afeta o nefelibata.
Nem a gema da ágata,
nem o estratagema da gentalha.
Nem a bata burocrata,
nem a naftalina plásmica.
Nem o miasma da Nasa,
nem a asma da casa fantasma.
Nem espasmo nem marasmo.
Nem a ninfeta nem o desinfetante.
Nem a omoplata de Platão.
Nada arrebatava a serena efusão:
serenata: flauta e violão.

DE ARRIMO

De arrimo me animo.
Ao amigo da vindima um hino.
Ao amo migo, meu âmago.
Ao divo de Duíno, um racimo.
E se dimensiono, o dom de Mêncio menciono.
De menino adivinho o dono do domínio, o diamantino.
Rimando como esgrimo, o mando dirimo.
Tiro da lira o ditirambo.
Mirando os ístmos, se do vinho hindu vivo e não duvido,
sondo nas ondas o idôneo sonho.
Aos silos do Nilo aspiro.
Ídolos, íntimo lenitivo!
E ainda a induzir o destino,
aduzo, à luz da índole,
o cimo lídimos de minha sina.
Minha vindicta digna,
a linha implícita da empírea lírica.

NUM TREM ÀS MARGENS DO RENO

Evolam-se caudais de eflúvios,
 cinéticas nuances pastoris.
O olhar monástico das idades me espreita.
Hidrogênio nos arcanos.
Jorra o manancial sob os vértices da magnitude,
 fluxos germinantes,
 correntes de alado frêmito.
Aquedutos inscrevem verdejações nas represas,
 púrpura nos jardins.
Expansão cravejada de talismãs,
 revoada de pétalas.

DELEITAÇÕES

Bem-te-vis e bem-me-queres na janela,
água lustral plantada nas mãos do vento.

Vitória-régia no ano 2000.

Deleitações na voz do tempo.

Água marinha nos portos da imensidão.

Estrela do mar na vegetação sideral.

As eras sempre são, nas transmutações.

ARNO

Arno que o vento embala com líricas melodias.
Arno pressago,
cuja quietude lembra um lago de bálsamos.
Arno espelho da noite de verão
— alegre fluir de plumas cintilantes.
Arno guardiano che sorveglia il tempo che dilegua.
In pace lieta, bordo del ruscello internerice il cuore,
frange nei ponti multicolori.
Arno filósofo ingannato da un bosco caduto,
meditando mansamente com romântico sorriso
e arcos floridos de majestosas colunas.
Arno del Ponte Le Grazie
de onde vejo o sublime rebanho de ondinas
num leito que escorre dos místicos outeiros.
Oriundo de insólitas grotas,
Arno de acariciantes virações,
sonata de Corelli sobrevoando muralhas de luz.
Poupa-nos dos aluviões impetuosos,
spenge il vago lume del dolce sospirar.
Fiamma dal languore che zefiro risplende,

Arno abandonado aos ares de afortunada esperança,
acendendo imagens como sensações,
deslizando aragens como afagos.
Arno de afáveis brisas como o angélico rosto
e os claros olhos das musas que me assistiram
junto ao muro da Ponte Vecchio
de onde imaginei estes fluviais enlevos.

Florença, 6 de julho de 1996

HARMONIAS ESTIVAIS

Hermes emerge de ermas ermidas.
Quimeras se erguendo nas eras.
Artêmis tematiza as artes sistêmicas.
Aton emite o étimo.

Imito, em hemistíquios elípticos,
os artifícios de Ulisses.
Circe enfeitiça o artífice:
armistício no ar, sol de solstício.
Sísifo, fixo a si, sem asfixiar-se,
cenobita, no ômega do fenômeno,
fênix numinoso.

No halo hialino dos instantes
articulo o artelho da arte.
Transporto-me nos trâmites intermitentes.
Transito nos domínios itinerantes.
Encontro os tronos de ônix de Adônis.
Se já se me assomam cãs canônicas,
não abandono os dons de Poseidon.

No êxodo da insônia, rapto as odes dos rapsodos.
Nos interlúdios do horizonte, capto lúcidas volúpias.
Éclogas ônticas despontam nos instantes.
Evolam-se as túnicas inconsúteis,
consulto as musas de Catulo
e augúrios inauguro.
Alço-me à saga das galáxias,
giro nos gelos das hégyras.
Do estro ancestral celebro os mistérios.

PROCESSIONE PER MARE

*“città d’isola
sommersa nel mio cuore.”*

SALVATORE QUASIMODO

Navego canais de palácios heráldicos,
florões tangenciando tabernáculos,
árcades minaretes, criptas abertas,
guirlandas alquímicas.
Líricos arsenais flutuam entre monastérios,
o Duomo de frontispício arcano,
quadrângulos arcaicos.
Meus tesouros, os itinerários da manhã.
Há deslumbramento nos quadrantes
e no sagrado apogeu dos sinos.
O pastoreio dos vaporetos sospeso dal cielo
che s’insinuano nel bacino,
presbitérios lagunares,
prodígio nas pontes votivas.
Atmosfera de fábulas allietando sul fiori dell’onda.
Color dei conchiglie, color di porpora,
gli alberi in riva alle fondamenta.
Venero a efigie das alturas,
sovrastante navata dopo l’orto lontano.
Meu ofício é contemplar:
nuances de tecido efêmero, la chioma sciolta dell’alba,
os portos coloridos.

Quadrângulos no desvão do ancoradouro.
Um clamor dionisíaco nas vivendas e em mim...
Meu destino é circunavegar esplendores.
Íntimos arquipélagos.

Veneza, 1º de agosto de 1997

AS LIÇÕES DE ABANDONO

Vou acender as luzes da casa por temer o escuro da
[solidão.
Passarei a noite ouvindo velhas canções
para ressuscitar as emoções do passado.
Tenho no peito rosas de paixão e na memória os
[perfumes do céu.
Agudos violinos me estão tocando n'alma.
A tristeza dos salgueiros tem o gosto das minhas
[lembranças.
Coração na ribeira do abandono,
tanto a saudade me tem molhado os olhos.

Vento noturno, por que vieste abater-me o ânimo?
por que tens o tom melancólico e me magoas com
[teus vórtices?
Por certo Eros e Afrodite se divertem com teus
[infortúnios.
Enquanto tardam as andorinhas derramas púrpura
[sobre o dia,
turvando as paragens do meu caminho.
Com nostálgico reposteiro ocultas a miragem dos bosques.
Até quando permanecerei calado e triste
à espreita das minhas alegrias?

PELLEGRINAGIO A TORCELLO

Hoje que o mar tem sutilezas inauditas,
exsurgem plenos poderes no país dos ventos.
Planura florida derramando cores,
primavera em mutações ignotas,
trunfo de alteza e transparência.
Panorama de precioso minério.
O perfeito vórtice,
quando, nas ondas, milagroso oásis.
Hoje que me é propícia a crepitante luz,
relva nos mangues e no roteiro das nuvens,
encanto-me na morfologia da fortuna.
Adentro a redoma de colares policromos,
cintilam miragens, dourada apoteose.
Relíquia de maravilhas, os umbrais da tarde.
Os pássaros me saudavam, frenesi vertiginoso,
e eu levitava em perfumes,
canora fantasia,
sonhando com os castelos do mar.

Veneza, 20 de julho de 1997

LIDO

Alimento-me de horizontes!
No deleite visual dos litorais,
vem a brisa com bálsamos azuis,
aura serena, evanescente flutuação.
Da linha costeira aos portais,
sombra luzente, encantatório manto.
Quem plantou no estuário as flamejações?
Largueza crepitante de paredes fluidas.
Ânima de inquietude,
embeveço-me de exuberâncias,
vislumbrando refluxos, reflexos dissonantes.
Glorioso arquétipo de transfigurações!
Clarão que se alonga em sendeiros florais,
viaja o sorriso da tarde lunar.
Em cristalinos sopros, nas ondulações,
como se insinuam finíssimas tonalidades,
lívidas, indizíveis, indivisíveis!
No diamantino espelho,
sigo empós do brilho mago,
pródigo alarido de bruxuleios.
Prossigo adorando os íncolas do dia,
conquanto esvoaçantes as fascinações se precipitem,
instaurando esfinges na fábula das imagens.

19 de julho de 1997

YVOIRE

J'ai semé des songes aux jardins verticaux,
sur les pierreries transbordant de fleurs.
La délicatesse des chemins s'imprègne d'arômes
jusqu'à la clairière.
Des tonnelles avec des pétales
— delphinium, gerbères et chrysanthèmes
sur les terrasses, parmi les floraisons où les oiseaux
[s'enivrent.

Les eaux dans la crevasse entre les murailles,
dans le labyrinthe des ramures.
Les tons floraux répandent les frémissements rutilants,
lit de tendresse, avec le feu des ivoires.
L'exhortation pourpre enflamme l'instant
et dans un élan contemplatif, à la sérénité sanctuaire,
le prélude d'une élégie bucolique.
Le mirage se dévoile:
brasier liquide incrusté d'émaux.
L'irradiation des vortex captivants.
La lumière d'extase berce l'iris du vent.
Une courant mystique des reflets bouillonne:
ombrage de constellations.

Yvoire, 24 de julho de 1997

PANORAMA DE VERDURE
(GSTAAD VUE D'EGGLI)

À Fabienne Silva

Sous l'éclair qui bondit dans le flambeau,
la haie des falaises.
Là-bas, où zéphir caresse la campagne,
ombre perlée de brumes,
les sentiers qui coulent.
Une exhortation, ce rideau taché d'encre,
pelouse nimbée de rosée.
Senteur qu'on aspire dans l'herbage.
Les branches de lueur se dévoilent,
le velours se dénoue
et se déploie à travers les éclairs.
Manteau sillonné d'ineffable,
saison de baies.
Quiétude nonchalante où bruisse l'épaisseur des feuilles.
La beauté baigne dans la suavité.
Été arrosé de gouttes de soleil:
étincelles colorées sur l'incandescence.

Gstaad, 27 de julho de 1997

VEVEY

À Regina Joye-Reginato

Les voiliers sommeillent sur la glace.
Passerelle céleste éparpillant la flottaison,
les versants au bord des racines neigeuses.
Miroir poli par la flanelle du vent,
la plaine étale ses tonalités.
Des vents fleuris émergent
et l'onde s'effleure de larmes.
Dans le gazon d'enigme, sous la voûte de cristal,
fleurs d'azur voilées,
printemps baigné par un souffle d'horizon.
Jardin de nuances mystiques:
saphirs et turquoises diluées,
alchimie des minéraux,
transmutation de l'azur dans l'étendard aquatique,
l'ample cristal ceint de coupes d'éméraude.

TORRE DEI LAMBERTI

Estátuas passeiam sobre telhados.
Jardim suspenso entre torres.
Amplidão de bucólicas eminências.
Os montes se alteiam com galardões de nuvens nos
[ombros.

Subo à paz das altas florações,
respiro no convés dos acalantos.
Busco as fortificações inatacáveis,
antes que me assustem as histórias do mundo.
Reverencio promontórios de devaneio.
Há um herbário de esfinges em cada recanto.
Contemplo ciprestes canônicos, captando emissões
[góticas.

Alumbrado cenário de todas as idades,
cada contorno se alça em vertigem.
Depósitos de tempo nas muralhas,
cada pedra narra uma epopéia.
Ascensão iniciática nos fragmentos imperiais,
círculos etéreos e quintessências.
Tronos cravejados de crostas arqueológicas.

Verona, 3 de agosto de 1997

INDULGÊNCIAS

— As igrejas estão cheias dos prodígios de Tiziano,
imagens de glorificação,
vertiginosas ascensões,
dilúvios de luz.
Sinalizei em direção à Via del Duomo.
Dois quilômetros de romanescas torres,
ao paredão do templo.
Na entrada, uma barreira nos vedava navata e abside.
Recusamo-nos a pagar o ingresso:
“é um escândalo, será que o papa sabe disso?”
Damos meia volta e bordejamos o Adige.
A perspectiva fluvial nos entrega Tiziano, de graça.
Depois, na estrada do Mont Blanc,
vinte quilômetros de polêmica teológica:
a ética e a agressividade comercial das religiões
e quase uma multa por errar o guichê do pedágio.

Verona, 4 de agosto de 1997

SERENÍSSIMA LAGUNA

*“M’illumino
d’immenso”*

GIUSEPPE UNGARETTI

Dissolvem-se os meus dissabores na doçura límpida,
leveza lânguida.

Recolho imagens na distância.

As ilhas fervilham nos embarcadouros.

Agosto cintila nas verdes redomas.

Calma nos murmúrios imanes,
marulha o vagar da íntima tarde.

Tenho sons de búzio na voz da memória.

Cessa-me o fulgor das ansiedades.

Instilo-me transparências.

Na íris de netuniano horizonte,
desenho a gôndola dos meus sonhos.

Sereníssima laguna:

devoto-me à liturgia das marejações,

com o encantamento de flutuar entre palácios.

Veneza, 2 de agosto de 1997

CREPÚSCULO NO LAGO DE GARDA

O Garda horizontalmente diáfano imerge na neblina.
Lume além do vergel das margens,
crepúsculo nos contornos da montanha.
O fogo espectral pulula em flocos,
tolda o prisma da vertente.
Plumagens de opulência, com ressonâncias púrpuras.
Asas flamejantes na fragrância dos páramos.

COSMO(A)GONIA

Do caos se fez o cosmos,
mas o caos não foi tirado do cosmos.
Pôs-se o cosmos no caos e o caos penetrou no cosmos.
Caos e cosmos se confundem no cosmos feito de caos.
Fez-se caos o umbral do cosmos.
O cosmos conflagrou-se em caos.
No caos do cosmos, cosmos e caos inseparáveis.
O cosmos parte do caos e o caos é parte do cosmos.
O caos ficou no cosmos, na parte em que o cosmos é
[caos.

Que será do que o cosmos tem de caos
quando o cosmos explusar o caos?
Cosmos e caos irreconciliáveis,
findos o caos e o cosmos?

O DISCURSO DE PRÍAPO

Do Leme ao Leblon,
levo meu estandarte anatômico.
É um cântaro que transborda,
obelisco visceral.
Só de ver umas coxas, irrompe um estorvo sob o meu
[umbigo,
herto androceu, o talo entumescido respira ácida seiva
e tem a anti-sede de expelir,
descarregar o fardo que o incomoda.
Não sei o que fazer com esse rochedo
que se move na direção dos olhos.
Se vejo umas curvas de cintura ou bunda,
logo o artefato acende, de tocaia,
e fareja e vigia como um perdigueiro
e tem ânsias de abocanhar,
mas só com o tato e os lábios,
saboreando e mergulhando em deleitoso mar.
Do Largo de São Francisco à Praça XV,
pressurosos sátiros agarram as nádegas das ninfas,
de São Conrado à Barra da Tijuca,
as de lábios-cereja mostram o sexo aos centauros.
E Eros passeia no Leblon, com bacantes desnudas.
Mas de mim afasta-te, donzela!
Tua respiração suscita uma implosão de hormônios,
sufoca-me de ânsias.

O aroma de tuas axilas é um labirinto.
O coração na língua, examino essas filhas do mar,
estrategicamente.
Transborda-me um cântaro, estandarte em fogo.
Ó redomas carnavais, voluptuosas!

PRIMAVERIL

Abrem-se os breus, ébrios androceus.
Rejubilam-se os apogeus.
Lírio de abril na seda dos brilhos.
A vesperal veste estival da Vestal.
A leste celeste, ametista.
A mística de Timeu e a estima de Himeneu.
Mina esmeraldina dos limos.
No timo, os mimos dos imos meus.
Dos álibes bebo bálsamos,
albas de alabastro. Diletos deleites,
elfos de Elêusis, deuses de Delfos.
Aspiro piras hidráulicas, espirais efêmeras,
puras épuras supremas.
Inspiro maravilhas,
afagando espaços no olhar.
Sagro-me de aragens náuticas.
Graças agrárias, alveolares.
Lavo de fragrâncias as imagens.
Auras claras no lar: alço-me aos altares.

TESOUROS DE SALZBURG

Em florações, o céu cristalizado me reconforta.
Com sabor de refúgio,
atmosfera de luminosa encantação.
Aqui se reconhece o prazer de respirar
e o sentido da palavra *blumen*.
Os narcisos determinam minhas alegrias.
Um vale delimitado por um rochedo,
e no horto, ao redor do lago, um perfil de mármore.
Cúpulas sob o lustre da manhã.
A presença de Mozart,
que exuberava num *oboenkonzert*.
Um pátio envolto em guirlandas verdes.

13 de agosto de 1997

MANHÃ NO ARPOADOR

Cachos de espuma florida
onde a pedra invade o mar.
Corpos fluidos,
flocos como frotas de langorosa velejaço.
Transmutações.
Aqui nasce orgânica seara,
flamejando brancas rajadas.
E além do rochedo, onde a mão humana talhou simetrias,
o mar precipita dínamos hidráulicos.
Das profundezas jorram tesouros por dividir
e em tudo brilha a vertente mineral.
Divindade que lança dádivas
num rito despojado, no centro do incomensurável,
fulgurando camadas de plumas,
álgida claridade na face de tudo.
Luar de nuvem nos cânones da vida.

A ARQUITETURA SONORA DE VIENA

Música nas fontes de água lustral.
As nervuras urbanas transpiram linfa etérea.
O azeite de Minerva impulsa a ignição endócrina,
onde flui a seiva calipígia.
Sístoles de lirismo nas correntes alquímicas.
O ar tem íris lúdica, translúcida.
O coração pulsa valsas lunares.
Corifeus em diapasão.
Atenas filarmônica, espírito jogral,
ressoa violinos em cada esquina.
Arcádia de naiades, sob o signo de Urânia,
triunfa no espaço em alegre.
Mesmo o idioma rude aqui parece mais cantabile.
Os palácios em composição semicircular,
do Statoper à Votivkirche.
O Shonburn, de aúreo frontispício (glorieta íntima e altiva).
Aureolado Belvedère de barrocas alegorias,
com asas de ondulações octogonais.
A fonte de Netuno chora a partida de Shubert.
O Hofburtheater, sinfonia de coríntias colunatas,
com pedestal de bardos.
Um templo de Teseu, coroadado de rosas, onde medito
[transido.

Esplendor de suaves tons,
a Karlskirche refletida no espelho d'água.
Luar de névoa sobre torres iluminadas.
Johannes Brahms, assistido por deusa de insofismável
[lira.

Fantasia de antífonas grandiosas.
Os prédios, como lauréis em espiral floral,
com os frisos dourados de Otto Wagner.
Beethoven nos arpejos da 2ª Sinfonia.
Palas Atenas rege o Parlamento.

Viena, 16 de agosto de 1997

O TIRRENO VISTO DE GÊNOVA

Meu coração impregnou-se de azul,
embebeceu-se com os acalantos das ondas.
O cheiro do mar inebriou-me
— místico vinho de amplidão,
imensa horizontalidade.
Minha alma vestiu a guirlanda das espumas.
Hipnotizou-se de fascinações.
Estuário de exuberância,
o generoso deus verte o tesouro mineral.
Jorra a potestade entre os golfos,
dilatando abismos na represa dos desfiladeiros.
Brumosa franja cinge o etéreo campo,
vasta plataforma azuleja a expansão da miragem,
límpida maravilha que a claridade magnifica.
Que ânima esplêndida semeia o espaço,
lavando o lume colossal?
A planura canta promessas de infinito:
laguna esmeraldina em relevo de fonte mágica.
Jóias panorâmicas da Ligúria.

Gênova, 5 de julho de 1996

CONSAGRAÇÃO

Poeta, lembra-te de Zoroastro
e acende a chama na planície do coração.
A poesia é divina
e cada poeta é grande em sua dicção.
A inspiração não escolhe a quem,
mas antes vem o mérito e o dom como recompensa.
Vejo os verdes montes cobertos de ternura
e recolho os madrigais da ventura.
Poeta sou,
e de ânimo celeste coroei-me a frente.
Não por mim mesmo,
mas pela fonte do dia.
Pela luz das serenas alturas,
pela estrela rútila das madrugadas,
por ela é que venho colhendo alvoradas.

ARGUMENTO

“Que sentido tem o homem?”

ROBERTO PONTES

Ao homem cumpre sentir o sentido próprio,
segredo no cérebro contido.
Pois ao beber dos mananciais
e tingir os olhos de azul,
e ao purificar-se ao influxo do sol
e ainda dormir sob a placidez lunar,
compreende o arquétipo do objetivo.
O dom de escolher a mais lúcida atitude:
ajudar o vizinho,
dividir a colheita,
receber o imigrante,
construir núcleos de fraternidade,
compreender as razões do outro
e permanecer desarmado em nome da paz.
Assim a criatura, assemelhada ao Criador,
encontra-se e conhece o sentido de si,
o mistério da consciência.

NUM TÁXI EM LONDRES

Amanheço sob as colunas da National Gallery,
contemplando velhas igrejas góticas e palácios de mármore.
Os prédios simétricos de ladrilho marrom,
Westminster de arcos inexpugnáveis,
construções lavadas de claridade.
Um templo de pedra
interrompe a continuidade dos edifícios brancos
nas adjacências de um parque
arejado pelas brisas do Mar do Norte.
Fascinado pelo mistério antigo,
deslizo no táxi da serenidade,
observando os telhados íngremes .
Idealizo morar num *bungalow*
com janelas de vidro e jardim de hortênsias azuis.
(O Thames é a dádiva do dia.)

PAISAGEM HIBERNAL

A Maria Edileuza Fontenelle Reis

O branco de um dia celeste deitou-se sobre as coisas,
espraiando um chão caiado de alvíssimos grânulos.
Quem semeia brumas de nata em concretos campos?
Florece algodão em toda planta
e a poeira glacial suavemente se recama
na clara noite do asfalto.
As ruas têm languidez de talco
na tarde de aromas líquidos.
Além da cara mercantil das vitrines,
sobre contornos levíssimos de espuma,
nuvens diluídas cintilam.
A pirâmide álgida do Mont Blanc reluz espectral:
argêntea salina de pântanos encanecidos.
O Salève escorre o cortejo azulado
e na frialdade agônica os passarinhos trinam.

Genebra, 19 de fevereiro de 1996

A CAMINHO DE BERNA

A Jorge Elage

Gosto de ver o sol me olhando da fresta de um tronco:
as cores frutificam no lençol verde que o lago azula.
Aclaram-se lâminas de marfim.
Límpidas torrentes transparecem nos vales encastelados.
Ancoramos no portal de Netuno.
Aqui se ergueram os aquedutos e as galerias de ânforas.
O verde mergulha em luz até explodir o amarelo,
até descortinar a prata do estuário
na encosta da claridade abissal.
Dormem os barcos no jardim lacustre,
o pássaro traz num gorjeio os beijos do céu.
Emergi na correnteza, dionisíacamente
e me deleito no influxo das vertentes.
Orvalham-se os salgueiros debruçados.

Lausanne, 5 de agosto de 1995

VALÉE DE L'AVRE

A chuva murmura enquanto as geleiras ardem.

Raia o dia perpétuo.

Névoa no espelho da tarde.

A luz láctea fulgura resistindo à tempestade de sombras:
alfombra glacial, nuvens de cal e nata.

Nos cimos heráldicos

um relâmpago crava a raiz de um estrondo.

Chamonix, 1º de julho de 1995

PASSEIO INFANTIL

Vamos beirando as águas verdes do Sena,
escrevendo poemas nos cartazes de propaganda.
Fugindo dos carros na rua Richelieu,
lavando as mãos nas fontes e enxugando na camisa.
Sonhamos a calma vegetal nos bancos do jardim,
no recanto onde as crianças brincam.
Serenos primaveril nas árvores que o vento impulsiona.
No pátio do Palais Royal
fazemos rituais de louvação à Terra.
Vinícius coleciona pedrinhas e risca a calçada com um
[graveto.
Observo minuciosamente uma moça que passa.
Uns pombos vêm pousar aos nossos pés.

Paris, 5 de junho de 1995

PRAGA E O RIO VLTAVA

Tintura lunar no céu de langores:
nave de prata em sedosa magnitude.
A tarde adquire proporções femininas,
emblema de cristal.
Insígnias nas capelas dos páramos,
diadema de escarpados confins.
Vassalo de canônicas cortes, adejo por escalinatas,
respirando legendas.
Vejo o roteiro dos campanários,
círculos caleidoscópicos,
um santuário de negros candelabros.
O dia ressumbra insólitos elixires:
uma represa envolta num vergel.
Alteiam-se os degraus alumbrantes,
fulgores azuis no altar de agulhas.
O céu me outorga halos de nostalgia,
antenas templárias, estampas espectrais.
As eclusas murmuram vórtices:
o cortejo de cisnes e a parcimônia dos veleiros.
O horizonte imerge em formas policrômicas.
Estrada de clarões entre as colinas.

BERLIM RECONSTRUÍDA

Reconstruir os fundamentos da vida: traços de união
onde um paredão de ódio interceptava o mundo.
Com guindastes e arcabouços plasmar a perspectiva do
[novo tempo:

renasçam brandos burgos em Brandenburgo,
resplandeça o luar da nova numismática
sobre a quadriga de Schadow.

Sobre os sarcófagos do velho muro
reenarnem Bach e Beethoven, exorcistas!
E haja música nos canteiros do Tiergarten
para banir a sombra do monstro
e ali sobrevoe a ave liberdade na carruagem triunfal.

Reconstruir os alicerces da unidade.
Guindastes levantando argamassa sobre as mentes
[cretinas.

Ainda que renasçam soldadinhos de chumbo,
que apareçam também os novos Leibniz.
Ainda que persistam mentalidades de buldogue,
que desapareça a belicosidade bruta e boçal,
pois os alicerces da Postdamer Platz estão plenos de
[concreto

e em toda parte os andaimes forjam novas estruturas.
A reconstrução de Berlim nas bases do novo arcano:
o anjo Gorbachev, que abriu a caixa de Pandora-Glasnost,
expandindo mcdonalds para saciar caninas fomes.

Esse deus libérrimo abriu o portão-leste
ao passo de babilônicas procissões, do Kremlin ao
[Pentágono.
E com cimento e aço (e o vigor do operário braço)
possa rebrotar Berlim num canteiro de fênix,
no vôo de um tempo a reconstruir.
Resplandeça o luar de agosto sem cortinas de ferro a
[ofuscá-lo.
Na 17 de Junho como na Unter den Linden,
fora o caldeirão de ódio! disfarçado no olhar que
[discrimina.
Seja o luar a fonte do homem novo,
voando além de todo obscurantismo, de todo gesto que
[reprime.
Pássaro dourado além de cortinas e muros, ofuscando
[orgulhos,
até que a urbanidade se estabeleça em fraternidade.
No Charlottenburger Schloß como no Reichstag,
o astro libérrimo clareando o céu de Berlim e da
[humanidade.

AMSTERDAM

Devaneio enfeitado de melancolias.
Entro nas difusas vertentes,
na névoa que mistifica pardos retângulos.
Canais bordados de quadriláteros,
água verde vazando enigmas.
Amsterdã escorre na alma dos viajores,
ruas de água e liberdade.
O olhar recolhe bem-aventuranças.
Atmosfera de ave migratória,
reflexos de colorações fluindo entre casas flutuantes.
Torres de adeuses no jardim aquático.
Formas espectrais dissolvidas.
redemoinhos de bicicletas nos mercados de tudo.
Textura a um só tempo onírica e naturalista,
Amsterdã no limiar do anarquismo:
laboratório da sociedade alternativa.
Na fantasia do deixa-fazer, o risco da utopia:
culturas em movimento.
Não a antropologia do não-me-toques,
nem os muros de *apartheid*,
mas o teatro de transmigrações.
Edifícios de esfinges coloridas,
lagunas invadindo fazendas, pastos de salitre.
As pontes fervilham alegorias, ânimos florais.
Especiarias de esoterismo pós-moderno.
Íntimo de suas vibrações dionisíacas,

sorvo em haustos a hermenêutica dos seus gestos,
sob o signo de Eros.

Louvo a têmpera caótica de seus bruxuleios,
etnologia sensual de futurismos.

Não por sua lúbrica prosódia

(périplos na estação delírio)

mas pelo espírito que demanda o fascínio azul.

E transponho o cais incandescente

e venero a amplidão das miragens,

alumbrado de feéricas visões.

TEMPO REDIVIVO

A Mercedes Vasconcellos

É o tempo em que as castanholeiras deitam folhas amarelas
e a araponga das manhãs martela como antigamente.

Tempo em que não havia sobressaltos
e a tarde, inocentes olhos, voejava nuvens.

É o tempo em que eu ria do sentimento da vida,
meu cuidado diminuía na proporção do tempo.

Não havia em mim o esmero da impecabilidade,
nem os tremores de ânsia.

(Só a lua entende minha solidão).

Quero aquele tempo sem susto,
confiança aumentando na proporção do tempo,

perfume de esperança nos gestos
(não o poço de pecados de um penitente).

Alegre é o trabalho da purificação.

Grande a obra de iluminar os homens.

Amor crescendo na proporção do tempo.

Espero aquele tempo a que devoto o agora,
num sonho de vida a existir em paz.

(Só a lua entende minha solidão.)

O OUTRO TEMPO

Não havia o problema da consciência:

a instância dos medos.

Doce era a dádiva de respirar.

Havia o encantamento das manhãs de águas imóveis.

Vieram os redemoinhos à porta do degredo.

A arte de multiplicar o tempo era descobrir os

[horizontes,

as aventuras dos passeios e os frutos do quintal.

Era diversão a perspectiva do nada.

Ter coragem era entrar no Castelo da avenida Santos

[Dumont.

O céu era ver as estâncias e o mistério dos navios.

Não havia noites com sombras de tédio,

diversas dos folguedos daqueles tempos,

fantasmas e crepúsculos nas varandas.

Caminhar ao encontro das paixões...

Escutar as revelações do mar.

Legendas azuis que vivi transido em júbilo!

Apenas sentir a dimensão da perplexidade,

sem o limite das sensações controladas.

Havia perfumes ao vento sob cálida lua.

O segredo do encanto era claro como ontem.

RECORDAÇÃO DO MAR DE FORTALEZA

A Francisco Mauro Brasil de Holanda

Assim eu quero a vida minha:
horizontes claros, aragem nas ondulações.
Alvorada de jangadas.
Cada raio de sol é um galardão de sonho.

Ondas acariciando as pedras,
lenços brancos ao vento da fortuna.
Cataventos nos vergéis, com diademas,
ânforas e miragens.
Jandaias, o mar de esmeralda,
vida esbanjando nas espumas.

Assim quero sempre a vida minha:
hialino colar de reflexos, marulho nas virações.
O sopro do terral na orla dos confins,
salinas de acalanto.
Fortaleza, jardim de esperança,
jangadas em festa no panorama de safiras.
Flores de alacridade.
Do mar bramindo à fimbria das dunas,
o soluçante enlevo.
Cada onda é uma canção de minha história.

E se assim quero a vida,
é que só assim a vida vale a pena:
mar de abismos ondulantes,
mar vespéral adejando nas mãos do destino,
tarde em que os infortúnios esvoaçam,
filtrados pela ventania.
No mundo não vi saveiros como os do Mucuripe.

TERRAS DO DRAGÃO

A José Alcides Pinto

Ponho-me a perscrutar o imponderável:
natureza de alvíssaras.
Suave pluma nos outeiros.
Vem o vento afagar-me.
Bem-te-vis e outros alados trinos,
carnebeiras de eternos leques,
sertão de mistério no vergel da tarde.
Rebanhos dispersos.
Serenas torrentes vem sussurrar-me o vento:
estranhos devaneios e saudades.
Cintila a flama de um canto fugaz.
Cismo inefáveis venturas.
Há evocações insólitas nos segredos do firmamento,
embevecimento nas várzeas.
Pasce o gado transcendental no enigma da memória.
Voz ancestral no sopro da aragem.
Fortuna mágica: claridade vespéral.
O primeiro abrolho rompe a fímbria de sombras
com seu hálito diáfano.

POENTE EM PIREAS

Ondulações se inquietam com fulgores,
dir-se-ia clareiras onde os deuses renascem,
exibindo espelhos.

Erebo tenta extingui-los e as quadrigas de Artêmis
[estacionam.

Transparecem minérios nos garimpos de Efesto.

Ou são joalherias de Afrodite as esferas que deslizam?

O céu ostenta preciosidades:

cálices de ágata, flores de papiro.

Alfombra irreal de barcos como delfins voadores,
vapores de cromatismos em aquarelas intangíveis.

Pégasos bebem néctar,

sirenas eqüestres tocam liras de ametista.

Por fim a nave de Apolo na perspectiva iônia,

luzernas de feéricos páramos

além dos outeiros de Ática, rumo às colunas de Hércules.

Em lumes de turvo toldo flutuante,

mistérios se transportam aos portos ignotos.

Atenas, 4 de janeiro de 1997

MÍSTICO MERCADO

Chuva perpétua nos portais aquáticos,
música nas pontes labirínticas.
Na decrepitude dos corredores,
reino de musgo e maresia.
A cinza da terra não apaga as marcas de Bizâncio.
Terraços esplendem florações:
sortilégios do oriente.
As gôndolas singram séculos adriáticos.
Panorama de esfinges na passarela oscilante.
Escorrem alamedas enigmáticas,
torres, candelabros, revoadas,
poeira e mistério nos minaretes,
mosaicos incrustados de ogivas e talismãs,
a mágica de outrora nos roteiros do destino:
a planície de utopias da laguna.
Arrebatado pelas ilhas,
caminho entre flores que as águas alegam.
Na alvenaria eivada de gerânios,
Vivaldi serena a tempestade.
Tardarão as naves da consagração?
Levito sobre os istmos com a cruz de Jerusalém.
Veleiros acariciam o mar obliquamente turquesa.
Sonho com a exalação das rosas e o ideal de Marco Polo.

Veneza, 26 de junho de 1995

NA RIBEIRA DO THAMES

A Hungerford Bridge revela lírica visão:
além dos barcos e da Cleopatra's Needle,
das Reais Cortes de Justiça
e da Catedral de São Paulo de formosa cúpula,
o Thames viaja de manso...

Observando a ponte vazada de ruidosos trens
que rasgam espaços em estruturas de ferro,
vejo o tecido de água que o vento encrespa
e a mansuetude de suas ondulações,
e experimento o grande alívio
que veio apaziguar-me os tormentos do dia.
Sorvo com alegria os bálsamos da tarde
em que as aves sobrevoam redemoinhos sobre a

[corrente.

Cai a noite como um sudário de orvalhos que me

[revigora.

Retalhos luminosos lampejam sobre a relva.

O Thames desliza um vale de mistério, escorre as águas

[da noite,

onde mergulham reflexos como espadas de luz.

Em vagarosa fluência passam as imagens do destino.

Meu pensamento gira na corrente que arrasta as

[espumas

e enquanto a cidade me assusta com máquinas

[turbulentas,

deixo-me comover com as peripécias do velho rio.

Esplanada de benevolentes fluidos,
cálido noturno de agosto
com imperecíveis fantasias.
O diadema da Westminster Bridge cinge o Temple Bar
[Memorial.
Minaretes da exatidão, cimos reflexivos de aguda
[luminosidade,
as Houses of Parliament ostentam tesouros de
[filamentos longilíneos,
talhados em delgadas estrias.

Londres, 17 de agosto de 1996

MEDITAÇÃO SOBRE A TORRE DE PISA

Minarete de arcanos,
que sonoros resposos ressoaste ao sabor dos séculos?
Com que força guardas o sonho em que te reclinas,
cilindro de sete planos?
Púlpito de legendas, bafejado pelo sopro de Eolo,
impulsado pelo peso de Cronos,
resistes à ceifa da intempérie, viver é teu motivo.
Se tombasses sobre o lampadário de Galileu,
que conforto te daria o horto do nada?
No portal da República Marinha
sonhas um fado de desenganos,
mostrando ao mundo a estampa esotérica
das mandalas de tua base, que a terra insiste em tragar...
Em dextrogira decadência,
transitório amuleto infenso à perecibilidade,
guarda-te na guarida da vida!
Que galardão de águas floridas
bebe da fonte de águas vivas
a centrífuga degradação de tuas raízes?
Sustentas o ideal olímpico, suspenso pelos fios da fatalidade.
Losango ancestral, que arauto garante o teu dia?
Tua fachada gris e teus espectros de infinitude
revelam indícios tenebrosos nos estanques prismas do
[instante.
Perspectivas impressentidas avultam nas dimensões do
[acaso...
Que sentinela vigia tua iminência de holocausto?

Súbito um golpe implodirá a jóia erguida em troféu,
de sono imersa no efêmero, ante a espreita dos ciprestes.
Desafiando a trama dos relógios,
pendes para o lado oposto do Campo Santo
que te contempla e que queres preservar do dano de tua
[derrocada.

Na lavoura do eterno
lenta é a exaustão dos teus sustentáculos.
Farol do ocaso, vences com derradeiro vigor as ameaças
[da ruína
e o sarcasmo das parcas que te corroem as paredes
e estremecem-te os capitélios!

Pisa, 7 de julho de 1996

ITINERÂNCIA

Regozijo-me na cálida noite do hemisfério.

Amanhã partirei.

Há de ser pão e luz o meu trabalho.

Vento no arvoredado da serra tropical.

Torpor da brisa de novembro.

Partirei com o signo da esperança:

o brasão noturno do Cruzeiro celestial.

Terra dos amores meus,

que eu saiba cultivar as bênçãos e dividir as dádivas.

Não haverá exílio

se eu preservar a chama deste alento.

Rumor de folhas estivais.

O fulgor da hora.

A força do vento festeja minha viagem,

refúgio itinerante nos celeiros de mim.

Sombras rútilas do amanhecer de minha ventura.

IDEAL

O dia tarda apenas para mostrar o silêncio encantado:
raios, cigarras, nuvens arrastadas pelo negrume...

Quisera viver sempre assim,
livre pelos quintais do Brasil.

À sombra das folhagens que o sol reflete,
a claridade insiste em lumes de todo espectro.

O dia tarda e medito em transformar-me naquele azul,
feliz de escutar os gorjeios
e observar seres brumosos.

Sereno refrigério no voitar da neblina
e na densidade da terra.

Inspirado pela paz verdejante,
viver tranqüilo, monge sem desejos,
nos confins daquela névoa,
ave a cantar a vida inteira!

FIRENZE FIORITA IN PIETRA

Estar vivo é deambular em vias de liberdade,
reconciliar-se consigo entre relicários e ostensórios,
na Via Corso, perseguido pela beleza,
ou na Piazza Cimatori,
frente ao refúgio de um guerreiro contemplativo.

Firenze, exilarias outra vez o que sonhava na
[Torre della Castagna?

o que te defendera nella Roca di Caprona?

Firenze — amorosa nave,
volando spaesatta dietro il mare.

Me inebria il dolce canto del tuo allegro giorno,
danças no eflúvio que se evola em mistérios.

Como os pássaros se deleitam num jardim,
a alma que tenho é íntima dos claustros
e trova la lira in segno di memorabile affetto.

Firenze splendida dall'insegnamento esaudisca il tuo

[voto.

Mia lira profana e sacra
al crescere ritmico della vitta,
città di tabernacolo e navata,
di Duomo e torri di Giotto,
retablos de sutileza, bordados de minúcias.
Firenze topázio de florações,
madrugada de seda no âmbar de Júpiter.

Exultai, sinos de S. Lorenzo!
Alloro sugli angeli che soffiano conchiglie
nel trionfo di Galatea.
Otre i monti di roveto ardente,
maior fortuna é o banho das ninfas
e a mágica visão dos vetustos contornos de Fiezole.
Firenze dormindo telhados cândidos sob clarões do vale
[toscano.
Firenze apolíneo recanto de mirabile marmi policrome,
onde repousam perenes simetrias e ondulados bosques.

Firenze, 6 de julho de 1996

ST. PETER'S PATH

À Laudícia Holanda

Verdeja o visgo da inflorescência.
Precioso verde que o vento alumbra.
Harmonias de hortelã reconfortando o pensamento.
A relva nectárea, esmalte clorofilado, vibra na folhagem.
Bebo o fresco aroma e o refrigério do silêncio.
Sinto-me tão íntimo da emanação silvestre,
tão irmão no desidério de buscar o sol,
que minha poesia se ramifica em flores.
Mansidão na estatura das árvores,
blandícias nos ramalhetes flutuantes.

UNDER THE MOON OF LONDON

“The mystical one I knew is returned”

GEORGE HARRISON

A lua me fez místico outra vez.
Voltou o meu encanto de levitar na refulgência.
Como as rosas bebem o eflúvio clarifulgente
e os pinheiros exalam o incenso que me extasia!
Ouro diluído no brasão do céu.
A Regente das marés evocando um outro tempo,
que ora renasce no perfume.
Os canteiros me saudam com as pétalas
e a memória se alça no júbilo redivivo.
Reacende a mística flama do imaginário de outrora

Walthamstow, 9 de julho de 1995

COM VIVALDI EM VENEZA

A Artur da Távola

Desdobra-se o manto de intérmina amplitude,
os adágios sobrevoam filigranas,
flutuando pássaros ignotos
e canoras cascatas de suavizações.
Gôndolas de miragem fluem júbilos
e a manhã distribui barcarolas imaginárias
— a fantasia dos veleiros tece um miraculoso véu,
luzerna de candores que chove unguentos
para inebriar o coração:
oloroso mel que as embarcações florais elevam em
[ânforas votivas.

E um olhar à fortuna, além dos confins do ístmo,
vislumbra o luar de alegorias.
Ressuscitando o ânimo de viver,
a primavera floresce pássaros,
inspirando os augúrios do ideal glorificante:
alegres em dança pastoral.
E em ritmos ensolarados o dia elucida esta ave de esperança
que me transporta aos jardins da serenidade.

Veneza, 29 de junho de 1996

CAMPANILE

Subi aos altares dos quadrantes florentinos:
a sinfonia dos sinos estremece os tetos silenciosos.
As brisas encantam o oratório do profeta.
O sonho dos deuses repousa
no espírito que reúne as colinas,
proclamando a conjugação dos reinos.
Vegetações e santuários comungam os mesmos rumores.
A sentinela contempla cúpulas
e palácios de bálsamos azuis.
Prodígio imerso no claustro da Natureza.
No tabernáculo dos magos
a eclosão sonora que o vento transfigura.

Florença, 11 de junho de 1995

KHOAN

O céu parece de hortelã,
uma folha é uma rã.

MEDITAÇÃO NO MONASTÉRIO DE RILA

Cravada no clarão das geleiras,
clausura de prodigiosa torre,
semelhas a réstia de esperança que me reconforta.
Há um crescente de primavera nas encostas escarpadas.
Silêncio nos domínios florais.
Nas brenhas montanhesas, os monges renegam o mundo.
Buscam na dignidade das pedras
a verdade que os norteia.
Qual cenobita sequioso de um lugar de êxtase,
onde não atinja febre de remorso,
e nem corroa hostil degradação,
sou o peregrino que espera os auspícios de Deus.
Demando a paz dos lumes misteriosos
que acendem cristais nas gradações do azul.
Araucária de fluida esmeralda,
nevados que o sol alumbra em rasgos de claridade,
eis-me aos pés de vossa majestade:
sou o rapsodo sem pátria
que se converteu à religião da natureza.

O LUAR DE VENEZA

Desce a noite sobre a tarde rosicler.
Os barcos ondulam nos canais de espuma.
Surge o círculo de ouro vivo,
alta redoma de signos dançando nas águas,
oásis de perenidade com fulgores estonteantes.
Meus extremos itinerários revoam no ocaso das
[transfigurações,
sobre a semovente argila.
Candelabro insular velado em céu de êxtase,
a lua tem furtivos langores
augurando amores no espaço ornamentado.
Como as flores se erguem no prado ondulante!
Da vasta expansão,
sentinela de maravilhas sobre as torres angulares,
lua de aromas coloridos, viajo no alumbramento dos
[saveiros.
Sobre a ponte em que suspiro pelas ilhas,
no pátio iluminado há vestígios de outro tempo.
Veleiros transitam na diletante esplanada...
Na península de exóticos páramos,
entre os arcos ancestrais de estreito corredor,
de que memória vejo os portais do oceano,
onde meu coração veleja a outro cosmos,
em rastro de água cristalizada?

Lua, espelho de louça, votivo, glacial relevo,
álgida medalha espectral, cingida de diáfano anil,
onde bebe refulgores um quixotesco arlequim.
Álacre alecrim dos insones, dos magos magros,
minha hóstia de jasmim,
flor de gelo, querubim.

Veneza, 29 de junho de 1996

ÁGUA DE FLORES

O bem-te-vi pisa mansinho no vão-de-escada.
E os beija-flores
quais querubins brincam-brincando
de madrugada
sobre as torres-de-marfim.
Do amor-perfeito pro girassol,
da clarabóia pra flor-de-lis,
no claro-escuro da antemanhã.
No lusco-fusco do pôr-do-sol,
as lavadeiras nos passatempos de sextas-feiras,
com seus vaivéns na preamar,
andam correndo na beira-mar.
No céu de anil um arco-íris luze-luziu.
E a estrela d'alva na maré-cheia
e Aldebarã no azul marinho,
fulge-fulguram quais vagalumes
sobre os cardumes de água-marinha
e a lua-nova qual passarinho de madrepérola
pousa de leve na madressilva, na sempre-viva
e na couve-flor
num pomar furta-cor.

VERTIGEM

Ver-te, gen: ver a origem,
ver dádiva, verdade vertical, vértice,
vórtice virtual, tudo ver de vertente.
Verter, ter e ver, inverter.
Vertigem: virgem aborígene.
Vestal, vertiginosa esfinge,
efígie da miragem.
Verve que ferve,
erva veraz nas várzeas da voragem,
voando, vigindo, vigilante viagem.
No auge de álgida álgebra,
genética de Eva:
giro hibernal, cibernético
virtuosamente:
velozes violinos.

OUTONO

Nas manhãs há um céu vermelho
e nas tardes,
cinza.

Vento
mudando
a pele das árvores.

Calçadas
cheias de folhas amarelas.

VIA DEI FORI IMPERIALI

O ácido milenar corrói os porões,
erva medrando no tijolo erodido.
Mas o olhar da musa acende os vergéis,
volúpias resplendem nos pilares murmurantes.
Alço-me aos faróis do regozijo,
às heráldicas escalinatas.
O vento desnuda as ninfas.
Voejam aves de sortilégio.
cruz da cristandade no templo de Vesta,
sereno vórtice à espera de novos altares.
Às entranhas da tarde choro a agonia dos pórticos
[abandonados,
os escombros da extinta magnitude.
Ao redor dos obeliscos,
incenso mago na teia solar.
Nas frescas fontes Netuno cortejado de naiades.

Roma, 18 de junho de 1995

TEATRO ROMANO DE FIESOLE

Ruínas diluem os séculos:
colunas de sublimados alcantis.
Em cada pedra o sinal de ancestralidade.
O bronze antigo devaneia nas brumas.
Centauros configuram sarcófagos minerais.
A transparência consagra uma ânfora de âmbar.
O Arno espelha na iconografia do horizonte.

Fiesole, 11 de junho de 1995

MADRID IMPONDERABLE

Paseo por plazas y almacenes.
Paso por la casa de aquel
cuyo ingenio admira el mundo.
Sigo a las guapas de los ojos ajardinados,
las moriscas ariscas.
Calderón, en su pedestal, mira la propia efigie.
En un mosaico sueño Sevilla imperial,
Granada florida,
Córdoba etérea y Málaga portuaria.
Sobre todas Madrid alza un palio de lumbres.
En el Madrid multimágico me hice amigo de todos:
del marginado, de la viejecilla del alma de Cristo
y de los que aún quieren a Carlos III, monarca ilustrado.
Camino con el Diario 16 en las manos trémulas,
después del tercer café,
delante de la Puerta del Sol, embrujo y antorcha de la
[ciudad.

Y salgo con duendes de melatonina,
mientras las palomas deliran
y una luz heroica invade el patio.
Las campanas me convocan a los monumentos.
Música en los espacios de San Jerónimo.
Nadie es forastero entre miseria y maravilla.
Paseo entre plazas y tabernas,
miro las forjas floridas de los balcones.

Sonriendo con los aires de marzo,
en el alegre sitio de Lavapiés, donde otrora fui bohemio,
llego, como la primavera en los pétalos de un castañar,
el sábado, a la feria de las sensaciones,
y al Retiro, con humedades y grullas.
Los lugares de recreo, la arquitectura canónica,
rosales, luna que se sonroja! Claridades de Alcorcón!

ACARAÚ

*“Revejo em sonho a terra
estremecida do Acaraú”*

PADRE ANTONIO TOMÁS

Refúgio de passados idílios,
areia branca onde o cajueiro flora amores
e onde na noite ensolarada,
imerso nas ondas de um perfume antigo,
os sentimentos se renovam num cheiro de castanha
[assada
ou do velho benjamin, cujo verde se mantém fiel.
À brisa dos açudes os coqueiros abrem o leque das
[palmas.

No alpendre da mais bela casa,
era um tempo em que passava um anjo que me
[arrebatava...

Ando solitário nos devãos do que ainda resta.
Mudou-se o rosto do meu tempo.
Já não há ressonância de antigas serestas,
não se sabe o paradeiro do companheiro de aventuras
e a cidade já não me pertence.
Apenas a sombra da formosa mangueira,
na esquina da praça,
me acolhe com afeição
e parece recordar aquele tempo
quando tudo era tão diferente!

LECTURA ANTITÉTICA DE GIL DE BIEDMA

Hay tardes de desamparo y deseos desoladores.
Los pinares se preparan para oscurecer.
Pero el dulce pasearse pone guirnaldas sobre el pecho
[del cielo.

El sol de los días consiste en entregarnos rosas.

Una verdad desagradable asoma.
La vida no es como la esperábamos,
el instante no devuelve el mar trémulo.
Pero hay un vértigo en el alma, con ráfagas de luz.
Hay amor más poderoso que la vida,
amor que anuncia el reino de la vida,
con el deseo de ver amanecer.

Hay Citerea y sensación de estar en las islas.

Es verdad que hubo guerra y hay guerra todavía.
Escombros y demonios hiriendo los ojos.
Pero se espera algo definitivo
como la advertencia de las constelaciones.
Y hay laguna y lucero, Alto de Extremadura y Puerta el
[Ángel.

El hombre se hace dueño de su historia.

LEGENDA DE CARTAGO

Ainda ontem vimos a cidade branca como o dia.
E os homens pasmos diante dos cafés.
Túnis espriada de alvura matinal,
fênix fenícia, guardada pelos pássaros.
E como brincava na praia um menino escavando a terra,
animalzinho alegre saltitando na areia!
E como eu me abismava na vastidão
recolhendo as coisas do azul!
Cartago, esfinge de cinzas,
as colinas corroídas, urnas e mosaicos subterrâneos,
infensos à sanha dos saqueadores.
Perguntavas sobre as guerras púnicas,
enquanto eu via Cartago em meu âmago.
À sombra dos meus encantamentos,
fragmentos de sua glória esquecida.
Hoje que me recolho sob um céu aziago,
os filhos da floresta perguntam por ti.
Viaja com Deus, dizem-me alguns,
enquanto as árvores se reclinam quando me avistam.
A chuva me alcançou na estrada.
Pranto em que naufrago ante o desafio da intempérie.
Pilares visionários do meu templo,
tapera das minhas utopias.
Não há esplendor na face destas metamorfoses.
Só tristeza iluminada e a visão do azul cristal.

Aqui, esfinges decepadas, erosões no calcáreo,
vândalas vibrações.

Além, a imensidade, lívidas branduras,
luz nas escarpas sagradas.





Esta obra foi produzida no Rio de Janeiro pela
Casa da Palavra Produção Editorial para a
Imprimatur Editora, no inverno de 1998.

A composição empregou o tipo *New
Caledonia*. O papel utilizado para
miolo é offset 75 g/m² e, para
a capa, Supremo 250 g/m².